



**SE ELA DANÇA EU DANÇO: DANÇA E IDENTIDADE JUVENIL**

Gabriela Nobre Bins

**RESUMO**

*Esta pesquisa pretendeu investigar o papel da dança nas construções de identidades dos alunos de uma escola estadual de Porto Alegre procurando identificar e analisar a relação entre as concepções de dança dos alunos e suas diferenças de gênero, etnia e religião, a partir do estudo de quatro redes sociais. Ela se caracteriza por ser uma pesquisa qualitativa de cunho etnográfico. A dança tem diferentes papéis na construção de identidades dos alunos pesquisados e esses papéis variam conforme a rede ou o gênero dos alunos.*

**Palavras chaves:** *dança, gênero, etnia, religião, identidade e redes sociais.*

**ABSTRACT**

*This research intended to investigate the role of dance in the construction of identity in students from a Porto Alegre's state school trying to identify and analyze the relationship between their dance conception and their differences of gender, ethnic group and religion. It will be done based on a study of four social networks identified in the school. It is characterized as a qualitative research with a ethnographic approach. After crossing and analyzing all the data it is possible to assert that the dance has different roles in the construction of identity of the studied students and that these roles change according to the network or the student gender.*

**Key words:** *dance, gender, religion, ethnic group, identity and social networks.*

**RESUMEN**

*Esta investigación trató de investigar el papel de la danza en identidad construye de estudiantes de una escuela estatal en Porto Alegre, tratando de identificar y analizar la relación entre las concepciones de los estudiantes de danza y sus diferencias de género, etnia y religión desde el estudio de cuatro redes sociales. Se caracteriza por una huella de investigación cualitativa etnográficas. Tras el cruce y el análisis de los datos, es posible decir que la danza tiene distintas funciones en la construcción de identidades de estudiantes investigado y estos roles varían dependiendo de la red o el género de los alumnos.*

**Palabras clave:** *danza, género, origen étnico, religión, identidad y redes sociales.*



Em nossos dias, cada vez mais, toma-se consciência da importância da dança como forma de expressão do ser humano. Ela é percebida por seu valor em si e por seu potencial de percepção dos sentimentos das pessoas. Tendo em vista que precisa -se incorporar, no dia a dia escolar, a visão antropológica da educação, na qual a cultura é considerada uma forma de produção para que a escola passe a ser um local de transformação de cultura e não simplesmente de transmissão de conhecimentos, é que a dança foi incluída nos conteúdos curriculares da educação física. Essa pesquisa versa sobre o tema de dança e identidade, dois conceitos presentes na escola e que fazem parte da cultura infanto juvenil. Ela surgiu do interesse de unir a educação, a antropologia e a dança, três áreas de estudo de grande importância.

A dança através do corpo é um lócus privilegiado de diálogo da cultura juvenil. Gonzáles observa que:

Devido a seu conteúdo emocional as culturas juvenis são essencialmente não verbais. Suas formas de expressão naturais são a música, a dança, a moda, formas de caminhar ou reunir-se, gestos e certa maneira de falar. (GONZALES, 1998, p.202)

Garbin (2005) defende a necessidade de que nos familiarizemos com as formas culturais nas quais os jovens estão envolvidos para tentar fazer a crítica a tais artefatos, porém para a autora essa crítica não deve ser o simples menosprezo às preferências dos adolescentes, mas sim, uma análise dos significados e valores que tais produções têm e representam para eles. Através do conhecimento das formas culturais que envolvem os jovens, podemos conhecer mais sua identidade.

A identidade, nos primórdios da antropologia, foi vista como fixa e imutável, porém, hoje é afirmada como algo múltipla, móvel, relacional e cambiante. Construída de acordo com o contexto que está se vivendo, as identidades são constituídas em múltiplos lugares e instituições das quais participamos, a partir das relações que estabelecemos com os outros na vida social. Para se entender essas múltiplas identidades, devemos lembrar que é a partir do “estilo” que os jovens constroem suas marcas de distinção, e de um lugar no mundo, pois a identidade é marcada pela diferença. Portanto, os jovens estão constantemente negociando sua identidade com outros. Essa multiplicidade é fruto da modernidade e da pós modernidade.

Freitas (2003) afirma que “a escola e o currículo escolar são espaços onde circulam diversas narrativas sobre grupos culturais, as quais, muitas vezes, privilegiam certas identidades, ao invés de outras, ensinando determinados significados”, por isso e pela característica móvel das identidades torna-se importante investigar como essas identidades se movem e se constituem.

Este estudo teve como objetivo identificar e analisar qual o papel da dança na construção de identidade dos alunos de quatro redes sociais de uma escola estadual de porto alegre. E, para isso, foi preciso identificar as concepções de dança dos alunos, analisar suas relações com outros campos da esfera social como origem étnica, gênero e religião e identificar o significado da dança em cada rede.

Como as identidades são múltiplas, híbridas e provisórias os sujeitos estão constantemente negociando-as. Nessas negociações entram também em jogo as identidades religiosas, por isso é importante termos claro o conceito de religião.

Para Durkheim (1989), a religião é a fonte das representações coletivas a partir das quais a sociedade se concebe, estabelece as coordenadas das suas organizações. Segundo o autor, a religião é coisa eminentemente social.



As representações religiosas são representações coletivas que exprimem realidades coletivas; os ritos são maneiras de agir que surgem unicamente no seio dos grupos reunidos e que se destinam a suscitar, a manter, ou a refazer certos estados mentais desses grupos (Durkheim, 1989, p.38).

Para o autor, mais do que um sistema de idéias, a religião é um sistema de forças, um poder não ordinário experimentado somente por aquele que vive em estado religioso. A religião como experiência coloca o indivíduo em um estado de dinamismo interior e, sendo experiência, a religião é sentimento; sendo sentimento, ela é emoção.

O conceito de gênero rompe com o determinismo biológico das diferenças entre os sexos. Esse conceito surge com os estudos feministas e supera a visão essencialista, onde a essência do ser humano coincidia com sua condição, ou seja, feminino-mulher e masculino-homem. Tendo em vista esses estudos feministas e a antropologia social, o conceito de sexo como uma atribuição de nascença deixa de ser útil para explicar os comportamentos e os papéis dos seres humanos na sociedade. Sendo assim, surge a visão construtivista de gênero, onde se nasce em um sexo, mas se constrói o gênero socialmente ao longo de nossa existência. Segundo Santos:

o conceito de gênero é entendido como uma construção social determinada pela sua contingência, ou seja, as representações possíveis do que é feminino e masculino dependem das condições históricas e culturais de um determinado momento Santos(2004, p.36).

Partindo do pressuposto de que o gênero é socialmente construído, devemos falar não em masculino e feminino, mas sim em diferentes formas de masculinidades e de feminilidade. Essas identidades masculinas e femininas variam de cultura para cultura, variam temporalmente dentro de cada cultura, dentro das classes sociais e ao longo do curso da vida de uma pessoa. De acordo com Meyer:

nós aprendemos a ser homens e mulheres desde o momento em que nascemos, até o dia em que morremos e essas aprendizagens se processam em diversas instituições sociais, a começar pela escola, pela mídia, pelo grupo de amigos, pelo trabalho, etc [...] Gênero reforça a necessidade de se pensar que há muitas formas de sermos mulheres e homens, ao longo do tempo histórico, nos diferentes grupos ou segmentos sociais” Meyer (2001, p.32).

Nessa perspectiva, podemos observar as diferenças de identidades masculinas e femininas nos diferentes grupos étnicos, religiosos e de classe social. Portanto, reforça-se a idéia de que pensar a identidade a partir desses pressupostos é pensá-la de forma plural, em constante transformação e muitas vezes contraditória.

As diferentes fases da vida de um ser humano (a infância, a juventude, a vida adulta e a velhice) são compreendidas de diferentes formas em cada sociedade e cada tempo histórico. Isso porque a compreensão dessas fases é fruto de processos históricos de transformação da humanidade.

Ao se falar em juventude podemos em um impulso inicial, evocar a questão etária; mas a literatura sinaliza que as categorizações por idade já não são mais concebidas como uniformes e imprescindíveis;

Na cidade moderna, as juventudes são múltiplas, variando em relação às características de classe, do lugar onde vivem e à geração a que pertencem. Ser jovem é estar vinculado a uma identidade juvenil, é ter uma maneira particular de estar com a vida, de vestir, de falar, de andar, etc. Segundo Garbin:

se problematizarmos o conceito de juventude(s) com as lentes da cultura, podemos ver tais juventudes como, no mínimo, comunidades de estilos, atravessados por identidades de pertencimento, desde o look de suas vestimentas e adereços, incluindo aqui estilos musicais, comportamentos, gírias, atitudes corporais, etc Garbin (2005).

No senso comum, é muito usado o termo raça para se referir à origem de uma pessoa. Nas ciências sociais, vem se evitando o uso desse termo pelos usos a que se tem prestado. O conceito biológico de raça é o de uma subdivisão de uma espécie. O conceito de raça foi utilizado na tentativa de demonstrar uma relação de superioridade/inferioridade entre os grupos humanos, dando margens a discriminações.



Em contrapartida ao conceito biológico de raça, temos o conceito de etnia, que vem recheado com uma base social e cultural. Portanto, os membros de um grupo étnico se caracterizam por partilharem de uma mesma visão de mundo, de uma organização social própria e apresentarem manifestações culturais determinadas. Barth (1998) ressalta que a comunidade do grupo étnico depende da manutenção das fronteiras sociais, apontando o fato de que: “os grupos étnicos são categorias de atribuição e identificação realizadas pelos próprios atores e, assim, têm características de organizar a interação entre as pessoas” (1998, p.189).

Sendo assim, podemos dizer que o conceito de etnicidade reflete tendências positivas de identificação e inclusão enquanto o conceito de raça reflete as tendências negativas de dissociação e exclusão. Por isso, nesta pesquisa, optamos por usar o conceito de etnia ao invés do conceito de raça.

A partir desses conceitos aplicou-se um questionário com parte dos alunos da escola selecionada. Através dos questionários e das observações realizadas na escola identificou-se quatro diferentes redes sociais. Redes de relações sociais são como um conjunto específico de pessoas, cujas características podem ser usadas para interpretar o comportamento social das pessoas envolvidas. Uma rede social é composta de dois elementos: seus atores e suas conexões. Foram selecionados 17 alunos dentre as quatro diferentes redes sociais detectadas dentro da escola. Esses alunos variam de idades entre 13 e 16 anos e frequentavam 6<sup>a</sup>, 7<sup>a</sup> e 8<sup>a</sup> série. Por motivos éticos, os nomes dos alunos foram ocultados e foram usados codinomes escolhidos pelos próprios alunos.

Outro instrumento utilizado nesta pesquisa foi a observação dos ORKUTS dos alunos de cada rede, que é mais um espaço onde os alunos podem estar explicitando o papel da dança em suas identidades.

Essa análise só foi possível porque pelo menos um aluno de cada rede estava cadastrado ao orkut durante a realização desta pesquisa. Três dos cinco alunos que ainda não tem orkut afirmaram estar providenciando os seus, mas não o fizeram até o término da coleta de dados dessa pesquisa.

A análise dos orkuts ajuda a entender as diferenças entre as redes e as suas relações com a dança. Através de seus perfis e de suas comunidades cada aluno constrói sua identidade e delimita sua relação com a dança, seja pela sua reafirmação ou pela ausência da mesma.

### **A Dança e as Redes**

Nesse estudo identificaram-se quatro redes: Rock, Rebeldes, Evangélicos e Pagode. Foi solicitado que cada rede escolhesse um nome de acordo com seu gosto musical. Esses codinomes acabaram se tornando mais um dado de pesquisa, pois apontam questões de identidade dos alunos e diferenças entre as redes e dentro delas. Na rede do rock os codinomes escolhidos foram **Kyo, Joey, Floor Jason e Christine**. Todos cantores de bandas de rock. Já os evangélicos não têm essa identidade de grupo construída através de seus codinomes, que foram **Kurt cobain, Mc Marcinho, Suellen Lima e Ana Paula Valadão Bessa**. Na rede dos rebelde os codinomes representam a influência da mídia na construção de identidades infanto juvenis. Todas as três meninas desta rede escolheram nomes referentes às personagens da novela mexicana RDB: **Mia, Roberta e Lupita**. Os codinomes da rede do pagode estabelecem não só uma relação dos alunos com os seus gostos musicais, mas também com as questões da negritude. **Leci Brandão, Zeca Pagodinho, Rodriguinho, Bombom, Negra Li e Zé Pilintra**.

Em cada rede a dança tem um papel diferenciado, com seus significados e símbolos. Pois, assim como as juventudes são múltiplas, múltiplos são os significados que elas dão para as diversas técnicas corporais que permeiam suas vidas, como por exemplo, a dança. Perguntados sobre o que era dança para eles, cada aluno deu seu próprio significado, mas as respostas não foram tão distintas de rede para rede. Para as alunas da rede dos Rebelde dança é diversão, é um hobby, enquanto para os alunos da rede do



Rock dança é um esporte, uma expressão ou algo comum. Assim como para os alunos do Rock, para os evangélicos a dança é um esporte, uma arte, um exercício que necessita habilidade. Já os alunos da rede do pagode afirmam que a dança é cultura, é fundamento, diversão, algo muito bom e legal que faz bem para as pessoas.

Se pensarmos a dança como uma técnica corporal, que segundo Mauss (1974) é “a maneira como os homens, sociedade por sociedade e de maneira tradicional, sabem servir-se de seus corpos”, podemos entender que cada rede ao mesmo tempo em que têm suas particularidades também está inserida na mesma sociedade, talvez por isso justifiquem-se algumas semelhanças nas respostas. Mauss demonstrou através de seu estudo das técnicas corporais que o corpo é socialmente construído, que para cada grupo social existem diferentes técnicas corporais. Partindo deste pressuposto entende-se as particularidades dos conceitos de dança de cada rede.

Assim como Mauss, Bourdieu também define o corpo como uma construção social. Segundo o autor:

as práticas e as propriedades constituem uma expressão sistemática das condições de existência (aquilo que chamamos de estilo de vida), porque são o produto do mesmo operador prático, o habitus, sistema de disposições duráveis e transponíveis que exprime, sob forma de preferências sistemáticas, as necessidades objetivas das quais ele é produto (Bourdieu apud Ortiz, 1983, p. 82) .

Esse habitus é incorporado pelo homem, ou seja, ele internaliza as estruturas fundamentais da sociedade, tornando possível a produção de um mundo comum e significativo para o grupo. Segundo Bourdieu, “o que é aprendido pelo corpo não é alguma coisa que se possui, como um conhecimento que pode ser rotulado, é alguma coisa que se é” (Bourdieu, 1995). Neste sentido os dados deste trabalho demonstram que os alunos conformam suas respostas sobre o que é dança a partir da incorporação da cultura de sua classe e do seu grupo social.

Para cada grupo social a dança tem um papel distinto variando também seu grau de importância. Ao contrário das respostas sobre o que é dança, que tiveram alguma semelhança, as respostas em relação à importância da dança na vida dos alunos varia muito de rede para rede.

Na rede do rock todos os alunos responderam que a dança não tem nenhuma importância em suas vidas. Se pararmos para analisar o gênero musical ao qual essa rede se refere percebe-se que para o próprio rock, e principalmente o tipo de rock que os alunos escutam (metal, punk rock, trash, heavy metal, gothic metal), a dança não tem um papel de destaque. A dança neste gênero musical não requer uma técnica apurada, segundo um aluno da rede do pagode “*no rock eles não dançam, se sacodem parece que tá tendo um ataque epilético*”. Para esta rede a questão da música é que tem importância, a maioria dos alunos ou tocam violão e guitarra ou gostariam de tocar.

Nessa rede nenhum dos alunos sabe dizer ao certo que tipo de música seus pais gostam, mas todos afirmam que eles não dançam. Além disso, não é comum a realização de festas familiares, muito menos há presença da dança nessas festas. Isso faz com que a dança não faça parte do cotidiano desses alunos o que pode colaborar para o distanciamento dos mesmos em relação a ela. Pois apesar do rock pretender uma atitude de contestação e rebeldia<sup>1</sup>, de alguma forma esses alunos reproduzem um estilo de vida inscrito no seu cotidiano, que segundo Bourdieu (1994) é produto do habitus desse grupo e de suas famílias.

Um fator interessante de se observar nas redes é a diferença de gênero nas construções de identidade. Em cada rede, o ser feminino e o ser masculino têm seus significados e seus significantes, que

<sup>1</sup> Para ver sobre o caráter de rebeldia e contestação do rock ver site: [www.torturarock.hpg.ig.com.br](http://www.torturarock.hpg.ig.com.br)



são expressos pelo corpo, pela forma de se relacionarem com a dança, entre outras coisas. Na rede do rock os meninos são enfáticos ao afirmarem que não dançam e não acham importante saber dançar, **Kyo** ao ser perguntado se gostava de dançar respondeu: “*acho legal de ver e coisa, mas não danço*”. Porém as meninas afirmam que não acham importante saber dançar, mas dançam algumas vezes. Ao contrário da rede do rock a rede dos evangélicos não demonstra uma unidade de entendimento sobre a dança. Na rede dos evangélicos os quatro alunos afirmaram que a dança não tem nenhuma importância em suas vidas. Mas cada um desses alunos se relaciona com a dança de forma diferente. Isso porque eles também parecem se relacionar com a religião de forma diversificada. **Kurt Cobain** é o único que não faz parte da mesma congregação e também é o menos assíduo aos cultos. Ao ser questionado sobre o que acha de dançar ele respondeu: “*ah é bom... é... aprende bastante*”, porém quando a pergunta foi se ele dançava em algum lugar que não fosse a aula de educação física, sua resposta foi categórica, “*não*”.

**Mc Marcinho**, assim como a maioria dos alunos evangélicos que frequentam a Assembléia de Deus, é assíduo frequentador dos cultos. Porém, ao contrário das meninas e de **Kurt Cobain**, ele é o único que dança. Ao ser questionado se gosta de dançar ele respondeu “*mais ou menos*”, mas sobre ser importante saber dançar ele afirmou “*acho que sim... por que tu vai numa festa assim... e alguém convida pra dançar... ai tu já sabe*”. Apesar dele afirmar que a dança não tem importância em sua vida, ela é um elemento que está presente. Essa relação com a dança pode estar vinculada com seu gosto musical, quando questionado que tipo de música e dança que ele gostava sua resposta foi “*pagode e funk*”. Se prestarmos a atenção em seu conceito de dança “*dança pra mim é uma atividade muito boa, porque pra dançar nós devemos ter habilidade, tática e muito mais... sempre aprendemos muitas coisas com ela*”, observa-se uma relação que se aproxima da rede do pagode, onde a dança requer uma técnica específica e é vista como um capital cultural.

Analisando os quatro alunos dessa rede salta aos olhos a diferença dos gêneros lidarem com o corpo, a dança e a religião. Se um estranho entrar na escola e olhar os alunos ele não consegue simplesmente olhando identificar os meninos que são evangélicos, pois os mesmos se vestem como qualquer outro menino. Num simples olhar o observador poderia identificá-los a outras redes, como por exemplo, **Kurt Cobain** à rede do rock, pois o mesmo está sempre com camisetas de bandas e de preto. Mas as meninas de longe são identificadas com os evangélicos, pois usam saias longas e cabelo comprido. Portanto, verifica-se que as meninas incorporam mais em seus cotidianos as características evangélicas, elas explicitam nos seus corpos. Mas também podemos pensar que essa incorporação não é só nos corpos, ela vai além, pois elas também incorporam mais os tabus da religião que os meninos. Isso fica evidente na fala de **Mc Marcinho**. Quando questionado sobre a proibição da igreja à dança ele respondeu: “*não da nada... eu danço igual*”.

Ao contrário da rede do rock nesta rede a maioria dos alunos costuma ter festas em família, porém somente nas festas de **Mc Marcinho** é que às vezes tem dança. Esse dado reforça a idéia da dança como um habitus incorporado desde a infância que Bourdieu (1994) aponta. Isso fica evidente na fala de **Ana Paula**, “*acho que eu não fui acostumada com isso desde criança... ai eu não peguei o ritmo*”, em resposta à pergunta por que ela não gosta de dançar.

A rede dos Rebeldes pouco tem a ver com a etimologia da palavra rebelde<sup>2</sup>, pelo contrário as alunas dessa rede são todas dóceis e disciplinadas. Elas têm em comum o gosto pela novelinha infanto juvenil

<sup>2</sup> Rebelde: que se rebela contra a autoridade constituída, indomável e indomesticável, Ferreira (1999).



Rebelde e alguns estilos musicais veiculados pela indústria cultural<sup>3</sup>. Todas as três alunas dessa rede afirmam dançar, dançam em casa, na casa de amigas, nas aulas de educação física ou em festas. Porém, a relação de cada uma com a dança não é igual.

**Lupita** afirma que gosta de dançar mais ou menos. Quando questionada por que mais ou menos ela respondeu: *“porque tipo... tem música que eu não gosto... aí eu fico parada... mas tem outras que são mais agitadas e aí eu fico mais solta”*. Ela gosta de dançar funk e algumas músicas de hip hop e ouvir RDB e Mc Marcinho. Tanto seus gostos musicais quanto de dança, são reflexos da indústria cultural e da cultura de massa. Quanto à importância da dança em sua vida, ela afirma não ter e não acha que seja importante para uma pessoa saber dançar.

Na questão familiar a relação com a dança difere de aluna para aluna dentro da rede dos rebelde. A família de **Mia** tem forte ligação com a dança gaúcha, sua mãe participava do movimento tradicionalista em Alegrete. Segundo a aluna as festas na família têm sempre música e dança. Quando questionada sobre que tipo de dança tem nas festas **Mia** respondeu: *“ah músicas que... sei lá depende de quem tá dançando né... tem as pessoas mais velhas que gostam de escutar músicas mais antigas e tem as mais novas que são eu e meus primos que gostam de escutar músicas mais atuais”*, e sobre que músicas eram essas: *“hip hop e música gaúcha... é porque minha família veio lá de Livramento”*. Fica muito evidente nas falas da aluna a relação que ela faz entre o seu gosto por músicas gaúcha e a família ser oriunda do interior do estado. O movimento tradicionalista predomina a representação da figura do gaúcho como um ser dos pampas, rural. Nesse movimento, assim como no pagode que veremos a seguir, a dança é um capital cultural, um elemento que confere status social ao indivíduo. Nos CTGs<sup>4</sup> se constrói uma identidade gaúcha onde a dança tem o seu papel. Essa identidade gaúcha não é única, segundo Freitas “logicamente, há várias maneiras de ‘ser gaúcho/a’ que não passam pelos CTGs e pelo tradicionalismo... o discurso do MTG<sup>5</sup> contribui para a constituição de uma determinada maneira de ‘ser gaúcho/a’ o que fica muito evidente durante as comemorações da Revolução Farroupilha” (Freitas, 2003). A dança na vida de **Mia** é um elemento presente desde sua infância, ela aprendeu a dançar quando ainda era pequena e assim iniciou a construção de uma identidade de “prenda”.

A última rede a ser analisada é a rede do pagode. Esta rede tem uma íntima relação com a dança. Além de ser um gênero musical o pagode também é um estilo de dança. Historicamente, pagode era o nome das festas de escravos realizada nas senzalas brasileiras, onde havia música e dança. Todos os alunos desta rede dançam e acham importante saber dançar. Segundo os alunos, é importante saber dançar porque *“tu numa festa vai ficar parada?... tem que saber pelo menos uma coisa né...”*, *“pra conquistar as gurias”*, *“...pra dançar junto com as gurias... porque na hora que tiver uma apresentação se não souber fica feio”*, *“... não digo saber dançar, mas sim gostar de dança né...”* ou *“...fica parado lá... porque tu não sabe dançar... apesar de que saber dançar é uma coisa... todo mundo sabe... só que tem gente que gosta e outros não... mas é importante sim”*.

De todas as redes estudadas a rede do pagode é a que tem maior unidade de pensamento em relação à dança. Tanto os meninos quanto as meninas valorizam o papel da dança em seus cotidianos. Ao contrário da rede dos evangélicos, onde quando perguntados se em relação à dança, haveria alguma diferença na postura de meninos e meninas, todos em seus discursos afirmaram que não, mas em suas práticas demonstraram que sim, na rede do pagode quer seja nos discursos quer seja nas práticas a

<sup>3</sup> Sobre indústria cultural e danças da mídia ver Gehres, 1998.

<sup>4</sup> CTG, Centro de Tradições Gaúchas.

<sup>5</sup> MTG, Movimento Tradicionalista Gaúcho.



igualdade de posição é evidente. **Negra Li** e **Bombom** ao se referirem sobre um possível namorado saber ou não dançar falam “*é importante, mas eu podia ensinar se ele não soubesse*”, “*...ele tem que saber dançar... imagina, vai sair e aí eu vou ter que dançar com outras pessoas... aí já da briga né...*”.

Nesta rede a relação entre o gosto musical, a dança e a família é muito forte. Todas as famílias dos alunos desta rede vivem o pagode em seus cotidianos. As festas em família são eventos comuns nos seus dias a dia, e estas festas são regadas à roda de samba e pagode. Ao ser questionada se havia festas em sua casa, **Bombom** respondeu, “*até quando não tem nada pra fazer mesmo a gente faz festa...*”. **Negra Li** ressalta que ela e o irmão **Zé Pilintra**, além das festas na família, costumam acompanhar seus pais nas festas dos amigos e nos churrascos do grupo de futebol veterano ao qual seu pai é ligado. Grupo ao qual os pais de **Zeca Pagodinho** e **Rodriguinho** também estão ligados. A dança neste grupo é um valor incorporado pelos alunos, o que demonstra que os mesmos conformam seus gostos a partir da incorporação da cultura de seu grupo social. Eles exprimem em seus estilos de vida um habitus que torna possível a produção de um mundo comum e significativo para o grupo (Bourdieu, 1994). Segundo **Leci Brandão**, seu gosto musical está intimamente ligado à sua família, “*...desde pequena escutando né...*”. Sob essa mesma lógica está a dança, **Zé Pilintra**, **Negra Li**, **Leci Brandão** e **Bombom** afirmam terem aprendido a dançar com os pais ou tios e que cresceram vendo seus pais dançarem. Segundo **Zeca Pagodinho** em sua casa toda a família dança.

No pagode a dança requer uma técnica específica, não é simplesmente se sacudir como os alunos desta rede definem a dança no rock. E ao dominar essa técnica o indivíduo adquire um capital cultural. “Capital cultural é a chave de um sistema de distinção no qual as hierarquias culturais correspondem às hierarquias sociais e o gosto das pessoas são predominantemente uma marca de classe”<sup>6</sup> (Thornton, 1996). Então a dança é uma capital cultural para esse grupo, um conhecimento que lhe confere status social. Nas palavras de **Zé Pilintra**, “*pra ti ser um bom pagodeiro tu tem que saber dançar, tem que ter a manha de levar a mina pela pista*”. No pagode a técnica da dança deve ser dominada pelo sujeito, para que ele tenha status e seja respeitado dentro do grupo.

Outro dado interessante de se observar é que os alunos desta rede são os únicos que afirmaram ter o costume de sair à noite para festas que não sejam na casa de amigos ou aniversários de quinze anos. Muitos deles costumam ir a shows de bandas de pagode e ensaios de escolas de samba, inclusive o tio de **Zeca Pagodinho** e **Rodriguinho** é um renomado puxador de samba da cidade. Os alunos freqüentam esses shows e ensaios muitas vezes na companhia dos pais desde pequenos. Alguns deles freqüentam algumas danceterias da cidade onde toca samba, pagode e funk, como por exemplo, **Leci Brandão**, que diz “*ah eu gosto de ir na Cervejaria Azenha quando saio com meus primos, no Chalaça...*”.

### **As Redes e a Etnicidade**

No questionário inicial desta pesquisa constava a seguinte pergunta: Qual a sua cor? Essa pergunta tinha a finalidade de usando uma linguagem popular entre os alunos, identificar o grupo étnico ao qual ele se identificava.

Na rede do rock dois dos alunos responderam serem brancos e dois não responderam a questão. Na rede dos rebeldes as três meninas afirmaram serem brancas, enquanto na rede dos evangélicos um respondeu preto, outro morena clara e dois brancos. Já na rede do pagode as respostas foram: dois negros, dois morenos e dois sararás.

<sup>6</sup> Livre tradução da autora.



Não é intenção deste trabalho afirmar que só brancos gostam de rock e Rebelde e só os negros de samba... Até porque essa relação não é verdadeira, muitos alunos brancos da escola curtem samba e pagode e vários alunos negros escutam rock e RBD. O objetivo é provocar uma tensão, para que possamos analisar como alguns elementos criam uma identificação étnica na prática, identificação essa que é negada ou mascarada em alguns discursos dos alunos.

O grande alvo da análise deste capítulo é a rede do pagode. Esta rede tem uma íntima relação com a identidade afro brasileira. O samba e o pagode, gênero musicais que definem essa rede são gêneros de origem afro brasileira e a maioria das praticas deste grupo estão identificadas com as questões da negritude. Como por exemplo, as escolas de samba, o hip hop e o batuque. Mesmo assim, alguns dos alunos desta rede ainda relutam em responder a questão sobre sua cor definindo-se como negros. Coincidentemente ou não, todos os alunos desta rede têm o fenótipo negro, alguns são um pouco mais claros outros mais escuros, porém os traços do rosto e cabelo os identificam à etnia negra.

Um bom exemplo desse choque entre o discurso escrito e ou oral e as práticas é o caso de **Zé Pilintra**. O próprio codinome escolhido pelo aluno já sinaliza sua identificação com a umbanda, uma religião afro brasileira. Além disso, todos os elementos valorizados por ele são elementos ligados as origens africanas. Ele é um exímio dançarino, desfila numa escola de samba, formou uma banda de pagode com os primos (que são todos negros) e é simpatizante do movimento hip hop. Apesar disso, ele não se considera negro, se identifica como sarara. Isso pode ser visto como um reflexo de um processo de “embraquecimento” que a população brasileira sofreu. No Brasil ser mulato, ser moreno é legal, mas ser negro é visto como algo pejorativo. O mito da democracia racial, ou seja, a idéia de que no Brasil todas as raças convivem em harmonia e de que questões raciais não constituem um fator de exclusão social é desmentido quando analisamos as relações étnicas no cotidiano. Segundo Guareschi, “através dos recenseamentos nota-se o aumento do número de pessoas que se denominam ‘pardos(as)’, ou seja, não negros. Isso ocorre quando se tornam sujeitos de uma prática em que o embraquecimento os aproxima do instituído como normal” (2002). Sobre se ele achava que seu gosto musical e estilo de dança tinham a ver com sua etnia, **Zé Pilintra** falou: “*não tem mas ajuda também...*”, demonstrando em sua fala, que, apesar de no discurso ele se considerar não negro, nas práticas ele se identifica com essa etnia.

**Leci Brandão** também se identificou como sarara, porém na entrevista sua posição foi outra. Perguntada de que raça ela se considerava ela respondeu: “*minha família toda é negra... eu me considero negra também...*”.

Um aspecto que pode ajudar a entender a relação entre a dança, a identidade étnica e a rede do pagode, é pensarmos que na construção da identidade de pagodeiro a dança tem um papel fundamental. Isso remete a questão dos princípios civilizatórios dos povos africanos que foram trazidos para o Brasil com os escravos. Esses princípios são a circularidade, a ancestralidade, a espiritualidade, a oralidade, a musicalidade e a corporeidade. Esses princípios geram uma estreita relação da etnia negra com a música, o corpo e conseqüentemente a dança. Um bom exemplo são as religiões afro brasileiras, onde a dança tem um papel simbólico muito importante. Outro exemplo da materialização desses princípios que está intimamente ligado à rede estudada é o samba de roda. Através disso, podemos compreender um pouco mais o papel da dança para a rede do pagode e o processo de construção de identidade dos alunos pertencentes a ela.

### **Considerações Finais**



Essa pesquisa procurou demonstrar qual o papel da dança nas construções de identidade dos alunos de diferentes redes sociais dentro da escola, em uma tentativa de pôr em evidência a relação entre juventude, dança e identidade e problematizar sua existência dentro da escola.

Deve-se prestar a atenção para o fato de que os jovens não são todos os mesmos, tampouco gostam das mesmas coisas e dos mesmos lugares, mas na escola todos passaram pelos mesmos professores e pelas mesmas aulas. Portanto torna-se muito importante para o professor conhecer as múltiplas identidades de seus jovens alunos.

Cada rede estudada neste trabalho apresenta um ou mais conceitos de dança e estabelece suas próprias relações com a mesma, relações essas, que podem variar até mesmo entre os membros da rede.

Na rede do rock, a dança aparece como um esporte que os meninos não praticam e as meninas apesar de praticarem não lhe dão um papel de destaque. Isso pode ser reflexo de várias questões, entre elas, a questão da própria relação entre o gênero musical e a dança ou a relação das famílias desses alunos com a dança. No rock a dança não é um elemento imprescindível e muito menos requer uma técnica apurada. Ela também não faz parte do cotidiano das famílias desses alunos, criando uma relação de distanciamento entre eles e a dança.

Para os evangélicos a dança também é um esporte, uma atividade ou uma arte. Mas nessa rede, ao inverso da rede anterior, são os meninos que afirmam dançar, seja somente na escola ou em festas, enquanto as meninas simplesmente não dançam. Essa diferença entre os meninos e as meninas reflete também o modo como eles se relacionam com a religião. As meninas internalizam e externalizam muito mais as normas da igreja do que os meninos. Eles ao construir suas identidade conseguem fazer uma negociação entre as diferentes esferas sociais como, por exemplo, seu grupo étnico ou seus gostos musicais, enquanto elas para construir suas identidades religiosas precisam se contrapor as outras. Segundo Woodward (2004) “a identidade é, assim, marcada pela diferença... a diferença é sustentada pela exclusão”. O estudo dessas duas redes põe em evidência como os diferentes gêneros se relacionam com a dança.

A rede dos rebeldes apresenta um foco de construção de identidade que deve ser melhor explorado em outra pesquisa, a relação entre a mídia, a dança e as identidades juvenis. Mas através do presente estudo, verifica-se uma relação de proximidade com a dança, porém sem que ela se estabeleça ainda como um capital cultural e social. A dança está presente no cotidiano de todos os membros dessa rede, mas essa presença não aparece de forma uniforme. As diferenças de relação com a dança se dá através das construções de identidades vinculadas aos grupos sociais, grupos de pessoas oriundas do interior do estado ou da capital. A dança, através da dança gaúcha e dos CTGs, tem sua presença confirmada no cotidiano da família da aluna que veio do interior. Porém não faz parte do cotidiano familiar das outras duas alunas.

Para a rede do pagode a dança é muito mais que um exercício, ela é um valor, um capital cultural e social que confere status ao indivíduo. A importância da dança nessa rede tem várias razões e fica explicitada até nos orkuts dos alunos. Primeiramente, o gênero musical samba e pagode tem uma relação muito próxima com a dança desde seu surgimento. A relação dessa rede com a dança também reflete a relação desses alunos com a sua identidade étnica. É muitas vezes através da dança, contrariando seus discursos orais, que eles afirmam suas identidades negras. Essa relação também reflete um habitus familiar incorporado pelos mesmos, onde o domínio da técnica da dança confere ao indivíduo poder e status. Conforme a fala de um dos alunos “quem não dança segura a criança”.



**IMPLICAÇÕES NA/DA EDUCAÇÃO FÍSICA E CIÊNCIAS DO ESPORTE**

Sendo assim, pode-se afirmar que cada rede tem sua maneira própria de relação com as questões de gênero, etnia e religião, e que em cada uma a dança exerce um papel diverso. Afinal, os jovens não são todos iguais. Para Garbin “a música é uma das principais formas pela qual os adolescentes se apropriam das imagens sociais seja de etnia, de gênero, de classes sociais, ainda que pouco falem sobre essa diferença” (Garbin, 1999), este estudo aponta que a dança também pode ser uma forma de apropriação dessas imagens pelos jovens.

**REFERÊNCIAS**

- BARTH, Fredrik. Grupos Étnicos e suas Fronteiras. In: POUTIGNAT e STREIFF- FENART (orgs.). **Teorias da Etnicidade**. São Paulo: Editora UNESP, 1998.
- BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- BOURDIEU, Pierre. Gostos de classe e estilos de vida. In: Ortiz, Renato (org). **Pierre Bourdieu**. São Paulo. Ed. Ática, 1994.
- DURKHEIM, Emile. **Formas Elementares da Vida Religiosa: o sistema totêmico na Austrália**. São Paulo: Paulinas, 1989.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio séc. XXI: o dicionário da língua portuguesa**. 3º edição. RJ. Nova Fronteira, 1999.
- FREITAS, Letícia F. R. **Trabalhando com a diversidade em sala de aula: gauchismo, práticas pedagógicas e a construção das identidades**. In: Projeto Integrado de Pesquisa: textos, discursos e identidades em educação: relatório técnico, 2003.
- GARBIN, Maria. E. **Adolescência, Música e Identidades** in: Projeto integrado de pesquisa: textos, discursos e identidades em educação: relatório técnico, 2003.
- \_\_\_\_\_. **Cultur@s juvenis, identid@des e Internet: questões atuais**. Revista Brasileira de Educação, número 23, maio/jun/jul/ago 2003.
- \_\_\_\_\_. **SE LIGA!!! NÓS ESTAMOS NA ESCOLA!!! Drops sobre culturas juvenis contemporâneas**. Texto publicado no Jornal NH, suplemento NH na escola. Novo Hamburgo, 10 de setembro de 2005.
- \_\_\_\_\_. **www.identidadesmusicaisjuvenis.com.br um estudo de chats sobre música na internet** Dissertação (doutorado) UFRGS, PPGE, Porto Alegre, 2001.
- GUARESCHI, N. **As Relações Raciais na Construção das Identidades**. Psicol. estud, jul/dez 2002 vol 7, nº2, p. 55-64 ISSN 1413-7372
- MAUSS, Marcel. As técnicas do corpo. In: **Sociologia e antropologia**. São Paulo, Casaic Naif, 2003.
- MEYER, Dagmar. E. E. Escola, currículo e produção de diferenças e desigualdades de gênero. In: SCHOLZE, Lia (org.) **Gênero, memória e docência**. Porto Alegre: Prefeitura Municipal de Porto Alegre, Secretaria Municipal de Educação, 2001. p. 29-34.
- SANTOS, Claudia. A. **A Invenção da Infância Generificada: A Pedagogia da Mídia Impressa Constituinte as Identidades de Gênero**. Dissertação (mestrado) UFRGS, PPGE, Porto Alegre, 2004.
- THORNTON, Sarah. **Club cultures – music, media and subcultural capital**. Middletown, Connecticut: Wesleyan University Press, 1996.
- WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tadeu. S. (org.) **Identidade e Diferença – A perspectiva dos estudos culturais**. 3º ed., Petrópolis: ed. Vozes, 2004.

